CONHECIMENTOS UTEIS.

INSTRUCÇÃO DE SOLDADOS E MARINHEIROS.

(*Carta.*)

Lisboa 16 *de maio de* 1845.

4293 O artigo interessante, que vem na *Revista* de 8 do corrente, escripto pelo Sr. Palmeirim, sobre escólas regimentaes referindo-se ao que durante a minha administração, como ministro da guerra, se fez a tal respeito pelo decreto de 4 de janeiro de 1837 art. 3 § 8 e 9, determinou-me a remetter a V. a relação official do numero das escólas regimentaes, que existiam no exercito em 1844, bem como dos alumnos militares e civis, que no mesmo anno as frequentaram, cujo numero subiu a 1155, sendo 998 militares, e 157 não militares. Vê-se na mencionada relação que 15 capellães serviram de mestres e 9 sargentos: a gratificação dos primeiros é de 6000, e a dos segundos de 5000. Da mesma se deduz que dos 38 corpos do exercito 24 tinham aulas, e que entre aquelles que as tinham, 3 eram da capital. Se pois todos tivessem escólas, o numero de alumnos chegaria annualmente talvez a dois mil, e seguramente este numero seria excedido se a disposição do decreto, que creou estas aulas, fosse executada á risca; por que por ella a instrucção é obrigativa; todo o individuo que não sabe ler e escrever é obrigado a aprender, e nas antigas escolas regimentaes era facultativo o aprender ou não. Ao Sr. Ministro da guerra devo o favor d'estas relações e das duas outras, que remetto a V. É com satisfação, que ouvi a S. Ex.ª que tencionava levar a effeito o disposto no decreto da creação d'estas aulas, que determina que haja uma em cada corpo; e sei tambem que o inspector de infantaria, o Sr. Conde de Sancta Maria, tem dado providencias para este fim na parte que lhe diz respeito.

Consta-me que em alguns corpos os capellães são excellentes e zelosos professores, assim como alguns sargentos. O Sr. Palmeirim fez um bom serviço com a sua publicação; porque chama a attenção sobre um objecto importantissimo; designação merecida, por que dando-se instrucção, segundo as respectivas classes, a todos os individuos, que existem no exercito, póde este vir a ser um instrumento de civilisação muito efficaz, e talvez tão efficaz como o póde ser o clero, se á educação destas duas numerosas corporações se der aquella attenção, que um tão grande fim reclama.

Havendo uma boa lei de recrutamento, e sendo o tempo do serviço do soldado limitado a cinco ou seis annos; é claro que em cada anno hão de entrar e sahir do exercito uns poucos de milhares de individuos, e que podendo todos estes ultimos ter recebido o ensino primario, teremos por este modo instruida, no fim d'um dado numero de annos, uma boa parte da população masculina do paiz. Mas a vantagem ainda poderá ser maior se ao soldado se der ainda mais alguma instrucção, além de ler e escrever, como por exemplo em arithmetica o uso dos quebrados e das proporções; os rudimentos de geometria, assim como de agricultura, &c.

A instrucção dos officiaes inferiores deverá ser mais extensa que a dos soldados, e para os individuos que se destinam a officiaes quer estes sejam sargentos, quer sejam aspirantes deverá haver todo o rigor, exigindo-se instrucção vasta e variada: e quem a não tiver, que não fôr capaz de estudar, ou o não quiser, não deve ser promovido.

Convem ter bem presente que os postos de officiaes de diversas classes foram instituidos para que commandem bem as porções de tropa, que respectivamente lhes pertence commandar, afim de que d'ellas tirem, em occasião opportuna, o maior proveito. Um corpo de tropa é como uma machina, o chefe como o engenheiro; é a instrucção d'este que deve dirigir o emprego da força d'aquella: se por um lado o engenheiro é ignorante, se pelo outro a máchina não obdece promptamente, não se poderá esperar, que d'este todo se tire a vantagem, que a despesa com ella feita dará direito a exigir; sendo evidente que de dois corpos igualmente disciplinados, aquelle que for commandado por officiaes mais instruidos, hade ser superior ao outro.

Em todas as nações da Europa, bem como nos Estados Unidos d'America onde se tem querido que o exercito seja, não só disciplinado, mas instruido, tem-se multiplicado os estabelecimentos de instrucção militar. A Russia, por exemplo, tão atrazada a outros respeitos tem numerosos e excellentes estabelecimentos d'esta natureza. Em Portugal temos a baze da instrucção superior dos officiaes na escola polytechnica, onde os alumnos que se destinam á engenharia, á artilharia, ou ao estado maior, recebem um ensino muito desenvolvido, e que serve de preparatorio ao curso especial, que devem faser na escola do exercito. Para completarem os respectivos cursos preparatorios, e d'applicação, tem os officiaes de engenharia que faser septe annos de estudos, e os d'estado maior e de artilheria seis annos.

Se o corpo legislativo votasse em cada anno os fundos sufficientes para os exercicios praticos necessarios nas duas escólas, a instrucção dos officiaes das armas scientificas poderia diser-se completa.

A creação do posto d'alferes-alumno feita pelo decreto de 12 de janeiro de 1837 que organisou a escola do exercito, já tem produsido certo resultado, como se vê pela relação juncta: por este modo em todos annos vão tendo ingresso no exercito alguns jovens, que pelo seu trabalho scientifico deverão a si mesmos a carreira dos postos que adquirirem. O seu numero é pequeno, mas deve considerar-se que é grande se attendermos, que é sómente durante o quinto anno de sevéros estudos que elles recebem o posto de alferes com doze mil réis em cada mez. Menor recompensa por tão longo estudo, não se dá em outra qualquer carreira. A creação dos alferes alumnos é a organisação de um viveiro de officiaes, que para o futuro se devem tornar distinctos.

O curso para os officiaes que se destinão para cavallaria, ou para infanteria consta de dois annos, isto é do 1.º da escóla polytechnica, e do 1.º da escóla do exercito. Entretanto a grande difficuldade a vencer, e ainda não superada, tem consistido em obrigar a estes estudos todos os individuos que pertendem ser alferes. Votou-se com tudo alguma coiza neste sentido na ultima sessão legislativa, porque passou uma lei que exige como habilitação para aspirante a official a

a approvação no 1.° anno da faculdade de mathematica da universidade, ou no 1.° anno da escóla polytechnica, ou no 1.° da academia polytechnica do Porto, ou no 5.° anno do collegio militar. Foi um passo importante; mas ainda é perciso fazer mais e sem demora, para que 200 a 300 jovens, que estão como aspirantes na espectativa de serem alferes, aprendam alguma cousa antes de se lhes conceder a banda.

A relação que remetto relativa ao collegio militar, mostra o n.° d'alumnos que desde 1835 tem completado o curso neste estabelecimento. A organisação deste collegio deve ser melhorada afim de que da grande despesa que causa ao estado, se tire muito maior proveito. Na reforma deverá attender-se ao que se pratica em varios estabelecimentos estrangeiros d'esta naturesa, como o de Saint-Cyr, em França, o de Sandhurst em Inglaterra, e o de West-Point nos Estados Unidos, combinando isso com as circumstancias especiaes do nosso paiz. Em quanto ao estado presente do estabelecimento, convem reconhecer o zelo do seu digno director e dos seus empregados.

O que tenho dito sobre a educação do exercito applica-se em geral á educação da força naval. O marinheiro, o grumete pódem ser instruidos em lêr, escrever e contar. Ainda ha poucos annos existia uma escóla para este ensino a bordo da embarcação do deposito da marinhagem, estacionada no Tejo, e creio que ainda existe. Quanto a instrucção superior, na ultima sessão legislativa passou uma lei que deve melhora-la.

Se V. julgar conveniente publicar no seu interessante jornal estas linhas, e as relações, que remeto, ficam por isso á sua dispozição.

De V. etc.

Sá de Bandeira.

—

Relação das escolas de primeiras letras que se acham estabelecidas nos corpos do exercito com declaração das que são regidas por capellães, e das que o são por officiaes inferiores, bem como do numero d'alumnos que tiveram no anno de 1844, tanto militares como civis.

1.° Regimeno de artilharia; em Lisboa: pelo padre capellão; tem 108 discipulos militares.

2.° Dicto — em Elvas: por um official inferior: 24 discip. mil.

3.° Dicto — no Porto: dicto: 64 do seu regimento e de infantaria n.° 2 — 18: mil.

4.° Dicto — Faro: dicto: 23 discip. mil.

Regimento de cavallaria n.° 1: em Extremoz: pelo padre capellão: 20 discip. mil. e 3 civis.

Dicto n.° 3 — em Elvas: dicto: 14 discip. mil.

Dicto n.° 4 — em Santarem: por um official inferior: 17 discip. mil. e 4 civis.

Dicto n.° 5 — em Evora: pelo padre capellão: 18 discip. mil.

Dicto n.° 6 — em Chaves: por um official inferior: 30 discip. mil.

Dicto d'infanteria n.° 3 — em Vianna: pelo padre capellão: 45 discip. mil.

Dicto n.° 4 — em Elvas: 43 discip. mil.

Dicto n.° 6 — no Porto: por um official inferior: 18 discip. mil.

Dicto n.° 7 — em Lisboa: pelo padre capellão: 4 discip. mil. e 17 civis.

Dicto n.° 8 — em Braga: dicto: 44 discip. mil.

Dicto n.° 9 — em Lamego: dicto: 90 discip. mil.

Dicto n.° 10 — em Lisboa: dicto: 15 discip. mil. e 3 civis.

Dicto n.° 11 — em Beja: por um official inferior: 45 discip. mil.

Dicto n.° 14 — em Vizeu: dicto: 122 discip. mil. e 1 civil.

Dicto n.° 15 — em Lagos: pelo padre capellão: 11 discip. mil. e 64 civis.

Dicto n.° 16 — em Lisboa: dicto: 10 discip. mil. e 21 civis.

Batalhão de caçadores n.° 2 — em Lisboa: dicto: 96 discip. mil. e 2 civis.

Dicto n.° 5 — em Tavira: por um official inferior: 26 discip. mil.

Dicto n.° 7 — em Valença: pelo padre capellão: 57 discip. mil.

Dicto n.° 8 — em Mafra: dicto: 33 discip. mil. e 3 civis.

Somma: 998 discip. mil. e 157 civis. Total 1155.

—

Numero d'estudantes da Escola do Exercito, que na conformidade do decreto que organizou esta escola teem sido despachados alferes-alumnos.

Em 1840 — 7: 1841 — 5: 1842 — 2: 1843 — 3: 1844 — 5.

Artigo 36 do decreto de 12 de janeiro de 1837 que organisou a Escola do Exercito.

Todos os alumnos que destinando-se para o estado maior, ou para a arma d'engenharia, completarem com aproveitamento o respectivo curso d'estudos na escóla polytechnica, e se matricularem como ordinarios no primeiro anno da escóla do exercito, serão desde logo promovidos ao novo posto que hei por bem crear expressamente para elles, d'alferes-alumnos, com o soldo mensal de doze mil réis; e o mesmo terá logar para com os que destinando-se para a arma d'artilheria se matricularem tambem como ordinarios no segundo anno da dita escóla do exercito, uma vez que tenham igualmente o novo curso da escóla polytechnica que lhes diz respeito. Uns, e outros serão promovidos, logo que completarem os respectivos cursos militares, os primeiros a alferes effectivos para um dos corpos de cavallaria, ou infantaria, segundo a arma que escolherem, e os ultimos a segundos tenentes para um dos regimentos d'artilheria; e todos depois de dous annos de bom serviço, e optimo comportamento nesses corpos, serão promovidos a tenentes, ou primeiros tenentes para o corpo, ou arma de que tem habilitações scientificas, ou permanecerão com estes postos, addidos aos corpos em que servirem os dous annos, até que haja vagatura naquelle em que pertendem servir.

—

Numero d'alumnos do Collegio Militar que em cada um dos annos desde 1835 tem completado o curso, e tem, em consequencia disso, ficado com o vencimento de doze mil réis mensaes.

Em 1835 — 2: 1836 — 2: 1837 — 3: 1838 — 1: 1839 — 3: 1840 — 7: 1841 — 6: 1842 — 13: 1843 — 12: 1844 — 18.

No numero dos alumnos acima mencionados foram despachados 31, existindo por conseguinte 36 com o vencimento de doze mil réis.

ALVITRES A FAVOR DOS EXPOSTOS.

(Carta.)

(Continuação ao artigo 4106 a pag. 452.)

Castello-Branco 12 de maio de 1845.

4294 Teve V. a benevolencia d'inserir no seu mui accreditado periodico o meu artigo a favor dos expostos. A' santidade da causa, e á sua manifesta utilidade devi aquella honra, que de novo sollicito para proseguir em tão philantropico empenho.

Expuz alguns alvitres a bem do estabelecimento, e manutenção dos asylos para a educação dos expostos maiores de 7 annos, e pedi ao genio, e talento outros melhores arbitrios. Não tenho o orgulho de inculcar como efficazes, e preferiveis os lembrados por mim: aventuro-os á medo, entrego.os á discussão, incitado pelo ardente desejo de ser prestavel á classe mais desgraçada da sociedade.

Considero este rebotalho da nação, como um preciozo viveiro, que cuidadosamente tratado poderia subministrar uteis e honestos cidadãos; e parece-me, que seria digna das bençãos, e emboras de toda a gente boa e sensata, a politica, que convertesse o ocio em trabalho (unico manancial da riqueza, e o mais poderozo auxiliar da morigeração); prevenindo o crime, e metendo no caminho da virtude innumeraveis sujeitos que della se desviam pela falta de meios e d'educação. Assumpto tão importante é digno das meditações de genios transcendentes e das maiores capacidades: e não póde ser adequadamente tratado por quem, (como eu,) não tem mais que bons desejos. Todavia quem dá o que tem, mostra o que deseja: eis porque não discoroçôo na minha ardua tarefa: e ahi lh'envio mais alguns expedientes para o estabelecimento, e manutenção dos ditos asylos, quaes m'os inspira a minha convicção.

Dotem-se estes asylos com os bens dos conventos de freiras, que forem vagando, podendo até reunir-se n'um só as religiozas de dous menos povoados.

As mininas expostas, logo que completarem os sette annos, poderão ser recolhidas n'aquelles edeficios, sendo instruidas nas prendas proprias do seu sexo por algumas religiozas de virtude, e prestimo; e por mestras tiradas da classes indigente, e desvalida; que muito folgarão d'obter os meios de viver decentemente neste emprego.

Quando nos asylos do sexo masculino houver alumnos já peritos nos differentes officios, sejão sempre prefferidos nas obras publicas, não só na terra, em que o asylo fôr situado; mas em quaesquer outras do districto; devendo então ser acompanhados de seus mestres, ou vigiadores; que podem ser escolhidos d'entre os operarios invalidos, indigentes e de bons costumes.

Outros alumnos serão ajustados com mestres de fóra do azylo por dia, mez, ou anno, com a condição de pernoitarem nelle; metade dos seus ganhos será depositada nas caixas economicas para lhes ser entregue na saida do asylo, ou talvez melhor, quando completarem o tempo de serviço militar a que são obrigados; a outra metade entrará no cofre do asylo, e fará parte do seu rendimento.

As juntas de parochias de cada districto promoverão uma subscripção mensal a favor dos asylos situados no mesmo.

Seria conveniente uma providencia legislativa, que constrangesse os paes abastados dos expostos a contribuirem com uma pensão annual para o asylo, em que seus filhos fossem educados, e isto no cazo d'elles os não quererem levar para a sua companhia; o que não era mais do que uma ampliação do disposto na ord. 1.ª, tt. 88, §. 11.

E quando se viesse no conhecimento dos paes de qualquer exposto, tendo elle já saído do asylo: sempre este teria acção para obrigar os paes á sollução das pensões pelo tempo, que no mesmo houvesse residido.

Conviria tambem, que na mesma lei se declarasse, que os asylos succediam nos bens dos expostos falledos sem testamento, no cazo de não terem descendentes, nem ascendentes: ficando os paes desherdados, quando não tivessem reconhecido os filhos, nem contribuido para a sua educação na propria caza, ou nos asylos.

Nestes haverá officinas, em que trabalhem os alumnos nas diversas artes mechanicas, sob a direcção de mestres; e os seus artefactos serão consumidos no asylo, e tambem expostos á venda no mesmo e nos mercados, e feiras do districto; cujo producto entrará no cofre do asylo.

Se estes meios não parecerem sufficientes podemos ainda recorrer a outro, que posto pareça duro, todavia é justo; e vem a ser — os expostos depois d'estabelecidos na sociedade no exercicio de seus mesteres, podem ser compellidos por lei a pagarem uma quota annual aos asylos, em que foram educados, por certo numero d'annos, como indemnização das despezas feitas com elles no sustento e ensino; é principio de direito, que quem tem o commodo tenho o incommodo.

Quando mesmo seja necessario que o estado concorra para estes estabelecimentos, (principalmente nos primeiros annos da sua creação) cumpre um dever, e promove a industria; a qual lhe restituirá largamente o adiantamento, que lhe fizer na contribuição industrial, quando praticarem seus officios.

Para que taes asylos prosperem é mister, que tenham sabios regulamentos. — Tive a satisfacção de lêr um regimento coordenado pelo meu amigo o Ex.mo Governador civil deste districto, Sr. Antonio Maria Couceiro, para a casa pia d'Evora, quando alli exerceu o mesmo cargo, no qual transluzem profundidade de pensamentos, claresa, ordem e nexo; e uma tal previdencia e bom senso, que o tornam mui digno de ser adoptado em identicos estabelecimentos.

Os ordenados dos diversos empregados serão menos gravosos aos asylos provendo-os por concurso, ao qual só sejão admittidos egressos prestacionados e tambem militares dezempregados.

Nestes asylos quizera eu sustento abundante, e saudavel, mas frugal; como convem a quem tem de viver do seu trabalho.

Quizera o ensino das primeiras letras desde os 7 até os 12 annos de idade: em que principiarião a apprender as artes mechanicas, para que tivessem mais aptidão physica. Aos 17 devem tel-as apprendido.

Os lucros, que tiverem no exercicio dellas até os 20 annos, serão repartidos, metade para o exposto, e metade para o asylo. — Desde os 12 annos até os 20 podem ouvir tres lições por semana nas noites;

nas quaes se lhes deem noções elementares, da religião, da grammatica portugueza, orthografia, historia do pais, geografia, arithmetica, musica e desenho linear; deste modo não se distrahem de seus officios; illustram o seu entendimento, e estas lições, bem como os exercicios militares, lhes servirão de recreio e passatempo.

Nos asylos das meninas só haverá mestras de primeiras letras, e das prendas proprias do sexo, e da sua condição. — Metade dos seus ganhos serão para o asylo e a outra metade para o seu estabelecimento na sociedade. Aos 20 annos sahirão do asylo, ou ajustadas para casar, ou na qualidade de mestras, aias e criadas graves de cazas decentes, e bem acreditadas; d'onde poderão saír quando quizerem; pois que já teem edade para reger sua pessoa, e bens.

Aos regulamentos cabe especializar os meios de educação, e do regimen da fazenda. Contento-me com expender alguns pensamentos, que se me reprezentão uteis e competentes na materia, sendo o meu principal fim abrir discussão em ponto tão philantropico, e interessante. De V. etc.

Fernando Cardozo da Costa Pacheco e Ornellas.

UTEIS PROPOSTAS PARA MAIOR CONSUMO E VALOR DO NOSSO TRIGO.

MANEIRA DE FAZER CUSCUS.

(*Continuado de pag.* 524.)

4295 A FAMILIA curiosa e economica, que quizer fazer esta excellente massa para seus usos cibarios, de poucos utensilios precisa; mas não póde dispensar os *cuscureiros* de barro, que deve mandar fazer em qualquer olaria.

Um *cuscureiro* tem a figura de um vaso de flores com o fundo crivado de buraquinhos de uma linha de diametro; deve ter na parte superior duas azas para se pegar nelle, e na inferior, a cousa de quatro dedos acima do fundo, tres orelhas ou topes, dispostos triangularmente para que o dicto cuscureiro se possa metter na bocca de uma panella de ferro de grande capacidade; isto é que possa levar um almude d'agua pelo menos; o cuscureiro deverá conter oito ou nove canadas e se tambem levar um almude nada se perde: a diante explicarei como se hão-de cozer os cuscus, e tractarei primeiramente da manobra e maneira de os torcer.

Tome-se um alqueire de boa farinha triga, quer seja de grão temporão ou do inverno, quer do serodio ou durasio, peneire-se por peneira de seda e deite-se n'uma gamella quadrada toda juncta para uma das cabeceiras; mas formando uma especie de rampa ou plano inclinado de modo que a parte mais alta fique á mão esquerda e a mais baixa para a direita.

Deite-se n'um alguidar de barro novo por vidrar e bem lavado cousa de tres canadas de agua quente, em que se tenha mettido uma boneca de açafrão para lhe dar cheiro e côr sufficiente, ajunte-se uma garfa ou mão cheia de sal e será isto tudo proporcionado a um alqueire de farinha. Preparem-se uns ramos de carqueija secca muito bem lavados e ageitados para que depois de molhados na agua de açafrão possam deitar sobre a farinha um leve chuveiro de mui tenues gotas de agua.

Estando as cousas assim dispostas, uma mulher curiosa com os braços nus e mãos bem lavadas, e com um lenço atado derredor da cabeça para que nenhum cabelo se possa soltar, principia a obra da torcedura pela seguinte forma.

Molha os raminhos de carqueja na agua açafroada e deita um brando chuveiro sobre a rampa da farinha; logo em seguida, depostos os dictos raminhos, estende as mãos ambas e vae por cima da rampa ao de leve torcendo ou enrolando a farinha sempre da esquerda para a direita.

Cada gota de agua formou uma pelota de farinha e por isso rolando-as com as mãos e levando-as para a parte inferior alli chegarão do tamanho de perolas, ou dos grãos do aldorá, ou da cevadinha pilada; algumas serão maiores mas isso nada importa.

Estas pelotas assim formadas alli se acabam de arredondar para fazer os cuscus; e depois levam-se brandamente para a outra extremidade da gamela aonde se ajuntão.

Feita a primeira camada procede-se a fazer segunda pela mesma forma, deitando outro brando chuveiro da agua preparada com açafrão, torcendo, rolando etc. como fica dicto e assim se continúa até acabar a farinha.

Formados os cuscus é preciso cose-los a vapor, e para isso põe-se ao lume a panela de ferro cheia de agua até aos dous terços da sua capacidade, e mette-se o cuscureiro na bocca, luta-se a junta com luto de farinha, e no fundo do mesmo cuscureiro, mettem-se alguns ramos de carqueja secca muito bem lavada, que tenhão dous dedos de altura e cubram toda a área do fundo; pega-se então de um guardanapo embarrelado e muito bem lavado, ou qualquer toalha de linho grosso, forra-se o cuscureiro, e enche-se de cuscus sem os calcar; finalmente as pontas do guardanapo ou da toalha deitam-se por cima delles.

Estando assim tudo preparado faz-se ferver a agua da panela, para que o vapor della passe pelos buraquinhos do fundo do cuscureiro e vá cozer os cuscus; os ramos seccos da carqueja facilitam a passagem do vapor, aliaz poderia accontecer obturarem-se os estreitos furos com o panno e pezo da massa.

Se a fervura da agua fôr egual, coser-se-ha um alqueire de cuscus em tres quartos de hora; é precisa alguma pratica para saber quando estão cosidos; mas isto se conhece tocando o cuscureiro com os nós dos dedos pela parte de fóra, pois dando som como um cortiço é signal de completa cosedura. Tambem se conhece pelo cheiro de pão cosido, e pela prova de alguns da parte superior; pois devem ter perdido todo o gosto de massa crua.

O cuscureiro deve estar sempre destapado para que o vapor possa sahir livremente e não se condensar, aliás as estrias desfariam a massa.

Depois de cosidos os cuscus, tira-se o cuscureiro pelas azas e despeja-se n'um taboleiro de páo muito limpo sobre um panno lavado, desfazem-se os torrões com as mãos e separam-se algumas crostas que ás vezes se formam, aonde a massa tocca no barro: estas crostas são muito gostosas e tenras comidas com manteiga em quanto estão quentes.

Depois de esfriados os cuscus põem-se a seccar ao sol cobertos com um filó para evitar as moscas, e depois de bem seccos, passam-se por diversos crivos para separar os mais grossos dos finos; pois tem diversos gostos; mas todos muito bons.

Os primeiros dictos (os mais grossos) são muito gostosos quando são temperados com a carne nova dos porcos, ou com as banhas do robalo, com o ruivo e com as cabeças da boa pescada do alto; os mais finos são excellentes para deitar no caldo de galinha, para cozer em logar de arroz, temperando-os com a calda de boas sopas de carne, carneiro, manteiga, etc. Podem egualmente suprir a aletria e faze-los de leite, ou adoça-los com assucar: em fim são bons de todas as formas, muito mais nutrientes e gostosos do que o arróz. Talvez se podesse fazer disto um objecto de exportação para o Brazil e leva-los aos nossos irmãos do ultramar em troco da sua tapioca.

Os cuscus, feitos por machina nas fabricas de aletria e macarrão, são insipidos e não teem as boas qualidades dos que deixo descriptos.

Eis aqui pois mais um meio de extracção para o trigo; mais um mimo para as familias ruraes; mais um alimento sadio e nutriente: delle se uza muito na minha provincia de Traz-os-Montes; mas é despresado nas outras e quasi desconhecido nas grandes cidades.

Lisboa 16 de maio de 1845.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

MAGNETISMO ANIMAL.

4296 Ha muitos dias, que dezejavamos informar os assignantes d'este Jornal do juizo, que formavamos dos preconisados prodigios magneticos, que n'esta cidade tanto deslumbráram a mocidade academica; sobrestivemos todavia por duas razões: á uma; porque em matserias de observação quanto mais numerosos são os factos, mais valiosas são as conclusões, que d'elles se deduzem, e a mania de magnetisar (foi uma verdadeira mania) já, mercê de Deos, é terminada; á outra, porque nos constou, que o nosso amigo e condiscipulo, o Sr. J. F. de Macedo Pinto, *doutor addido á faculdade de medicina*, hia publicar na *Revista Academica* o resultado de suas investigações, e, pelo conceito, que nos mereciam os seus conhecimentos, queriamos, antes de expôr o nosso, lêr o voto de juiz tão competente.

Acaba de publicar-se o artigo, que aguardavamos, e seu auctor em poucas linhas enumera todos os fenomenos do *Magnetismo Animal*, que reduziu a tres cathegorias: 1.ª fenomenos positivos; 2.ª fenomenos duvidosos; 3.ª fenomenos *não realisados*; rematando com uma *ingenhoza* theoria que pertende os explique.

Nada diremos d'esta divisão: é um pallido reflexo da do Dr. *Charles Badchyffe Hall*, impressa no *Lancet* de 3 do corrente mez. Tambem não tractaremos dos fenomenos *duvidosos*, e dos *não realisados* (o que são fenomenos *não realisados*?); estão fôra do imperio da critica. A theoria, quem ousará refutal-a, baseando-se ella em alicerces tão fracos, para não dizer nullos? *Quem porá em durida, que o principio nervoso accumulado nos centros nervosos do magnetisado deve reagir sobre a sua vitalidade, subordinal-a a ponto de talvez provir daqui a obediencia do magnetisado ao magnetisador?*!

Em verdade é muito para estranhar, que um espirito tam recto, como o do Sr. Doctor Macedo, concebesse tal theoria; mas que a escrevesse e publicasse á face da universidade, excede toda a admiração e espanto.

Occupar-nos-hemos pois tão sómente dos fenomenos positivos, que são a parte substancial de todas as sciencias, e o mais solido fundamento do *Magnetismo Animal*; são os seguintes, aqui fielmente os transcrevemos.

« O individuo magnetisado está em um estado particular — a vida de relação suspensa, e as funcções organicas menos activas que no estado normal — os olhos voltados para cima, e olhando para a alhoba-da orbitaria — os eixos opticos tão convergentes que parece tocarem-se junto do nariz — as palpebras cerradas como no somno ordinario — a região frontal em temperatura superior á natural — as mãos frias e os dedos em flexão sobre a palma — as extremidades inferiores tambem em baixa temperatura; — *uma absoluta obediencia á vontade do magnetisador ainda mesmo que esteja pouco magnetisado* (!!!) — responde *exclusivamente* ás perguntas, que por aquelle lhe são dirigidas, conta *com exactidão* o que lhe diz respeito, e *revela segredos que no estado normal occultaria* — executa movimentos de progressão, mas sua marcha é typica, e não póde ser imitada — conserva a attitude, e posição do tronco e membros em que estava antes de mover-se — não accusa sensação ás picadas de alfinetes por mui sensiveis que sejam as regiões onde se pratiquem. »

« Se o mesmo individuo tem sido magnetisado por dous magnetisadores que se tenham alternado, fica-lhes subordinado: é preciso que ambos concorram para a desmagnetisação: esta appresenta o seguinte — o magnetisado pestaneja, e faz esforços para affastar as palpebras levando as mãos aos olhos para os esfregar — fica risonho, e com a physionomia mui semelhante á de um idiota. »

Ora estes fenomenos, que o Sr. Macedo classificou de positivos, não o são effectivamente; e como *quem nega, não prova, refuta as rasões do contrario*, esperamos que o Sr. Macedo nol-as produza, porque os tempos do *ipse dixit* á muito que passáram.

Certos estamos, que o nosso amigo, não recusará satisfazer a este empenho: é uma justificação da sua crença, e para nós será o thema da mui curiosa, e mui filosofica historia dos Magnetistas Coimbrãos, ainda inedita.

Mas, ainda assim, não se aneje o nosso collega com esta attenciosa provocação, nem nos tenha em conta de criticos despeitosos; somos francos e leaes. Quando offerecemos ao publico as poucas linhas, que escrevemos em alguma hora de remanso, deixamos-lhe toda a liberdade de as julgar, nem pertendemos nos cream ás cegas, que sôbre filaucia ridicula seria necedade indisculpavel. Tambem não presumimos possuir o precioso dom da inerrancia: se o nosso amigo na discussão que suscitamos, nos chegar a convencer da certeza dos factos que negamos, com o bom termo, e cortezia propria dos homens de letras, daremos testemunho de docilidade, desdizendo-nos.

Coimbra 20 de maio de 1845.

F. A. Rodrigues de Gusmão.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

ORIGENS ETYMOLOGICAS DO MEZ DE JUNHO.

TRADUCÇÃO DO INTROITO DO LIVRO VI DOS FASTOS DE OVIDIO.

4297 Dão-se ao nome de junho origens várias;
Eu só as canto; cada qual escolha.
Verdades vou dizer: ficções lhe chames,
Se os numes aos mortaes não crêes visiveis.
Um Deus habita em nós, em nós referve;
Nos rege, nos inspira. Arrojos de estro
Baixam da ethérea mente á mente humana.
Quem, quem póde vedar-me o ver deidades,
Sendo eu vate, eu cantor dos sacrificios!

Em solitario bosque, onde não sôa
Mais que murmurio e estrepito de lymphas,
Andava-me eu cuidoso, imaginando
Porque ao mez novo chamariam junho:
Deusas subito avisto. E quaes? Não essas,
Que ao Pegureiro Ascreu iniciaram
Na arte feliz de fecundar as terras;
Nem as que outróra em pleito de formosas
N'um valle do Ida aquoso apareceram
Nuas á vista do priamio Páris;
Bem que uma d'essas tres fosse uma d'estas.
Conheci-a; era a mesma; a que se adora
No Capitolio augusto a par de Jove,
A que é de Jove irmã, de Jove esposa.
Sancto horror me tomou: reconheceu-m'o
No pallor, na mudez a grão deidade:
Déra-me a torvação, deu-me o confôrto.

«O' Vate, ó collector das annuas festas
Da tua Roma, diz, animo afoito,
Que ousaste em verso humilde essa ardua empresa;
No teu empenho de cantar os numes,
Ganhaste o jus de os ver. Tua ignorancia
Não te faça caír no error do vulgo:
Do meu nome provém de junho o nome;
Não sou de Jove esposa?! irmã de Jove?!
Algo é isso; nem sei qual mais me ufane,
Se o irmão, se o consorte. Olhaes ao sangue?
Foi Saturno meu pae; sou d'elle a filha;
Fui sua primogenita. Saturnia
Em memoria a meu pae se intitulava,
Nas priscas eras, Roma, a Lacia terra,
Que elle deixado o céu tomou por sua.
Se o thálamo dá lustre, eu do Tonante
Sou a régia consorte; as aras temos
Lá junto da Tarpéia associadas.
Deu Maia, a concubina, a maio o nome;
Serei eu menos que ella? Eu.... soberana,
Eu, que entre as Immortaes empunho o sceptro!
Da luz, que vem e vae, reverte e foge,
Os dias se compoem; d'elles, os mezes,
E eu, que, da *luz*, *Lucina* me nomeio,
Um só mez não terei!? Pesar profundo
Fôra então para mim ter convertido
N'este amor, n'este affêrro á Lácia gente
Esse odio longo, acerbo, insuperavel
Que tive a seus avós, á raça toda
E de Electra e de Dárdano.; Sim; ódio,
Insuperavel ódio, acerbo, longo,....
Mas duas vezes justo. Em Ganymédes
Tive a primeira causa; a outra em Páris.
Este roubou-me da belleza o premio;
Roubou-me aquelle o amor: ambos os impios
Eram Troya, e de Troya herdeira é Roma.
Sim, pesar, sim, remorsos me daria
Pospor-lhe de Carthago as cidadellas,
Fido povo onde o coche e as armas tenho.
Sim, remorsos, pesar, vergonha eterna,
Ter pelo ingrato Lacio escurecido
Argos, Esparta, e a que é tão minha e tanto,
E sempre o foi, Mycenas, e a aprasivel,
Flor de meus olhos, minha velha Samos.
Fiz mais: o antigo Tacio, os meus Faliscos
Permitti que vencidos se entregassem
A' romana potencia então nascente.
Mas não; não me arrependo: em toda a terra
Povo não tenho, que prefira ao vosso:
Vosso culto me apraz: amo a vivenda,
Que além junto ao meu Jupiter me heis dado.
O proprio Marte,
—«O' mãe, são teus, me disse,
Estes muros de Romulo teu neto,
Entrego-t'os; ampara-lh'os; protege,
Grão Deuza, a grão cidade, herança tua.
Cultos quaes nunca houveste, aqui te aguardam.»

Cumpriu-se o vaticinio; em aras cento
Me adoram; e (honra egual ás mais subidas!)
Esta parte do anno a mim consagram.
Nem só, Roma, em teu gremio; eguaes obsequios
Nos suburbanos teus continuos goso.
Que o diga em seus annaes selvosa Ericia;
A povoação Laurente; o meu Lanuvio;
Pois tem um mez de Junho. O Tibur falle;
Muros, fallae, da Prenestina deusa;
Não haveis, elle e vós, registro expresso
Do tempo junonal? e mais não fostes
Qual Roma, por meu Romulo fundados.»

Calou-se. Os olhos volto, em pé diviso
De Alcides a consorte: occulta magua
Lhe ressumbra no aspecto.

«Os céus, diz ella,
Me ordene a mãe deixar, submissa os deixo:
Obediencia de extremosa filha,
Sempre ha-de achal-a em mim: rival não venho
Este mez disputar-lhe; humilde, apenas
Simples razões por supplicas exponho.
O que é meu jus, qual graça o solicito;
Cantor, dá-me attenção; talvez me approves.
De Jove a par n'um Capitolio de oiro
Tem minha mãe seu templo: é lhe devido;
Toca o summo fastigio aos Deuzes summos.
A mim porém.... que titulos ficavam
Se o d'este mez perdesse? Eis o motivo
Porque o requeiro aqui: mas que estranhesa
Se póde achar, em que os romãos primevos,
Em que a posteridade, agradecida,
Quizessem n'um seu mez commemorar-me;
Sendo eu a esposa d'Hercules! é nada
O que a meu grão consorte o Lacio deve!

Onde, se não aqui, trouxe elle as vaccas,
Alta conquista de seu braço invicto!
Onde, se não aqui, máu grado ás chammas,
Vulcâneo dom paterno, ao truz da clava
Caco se baqueou, mordeu retincta
Em sangue negro do Aventino a encosta!
Desçamos a menor antiguidade:
Romulo estrema o povo em partes duas;
Moços, velhos; valor, experiencia:
N'uns, o conselho, que legisla as guerras;
Nos outros, o valor, que as faz, que as vence.
Co'a mesma divisão marcando os mezes,
Deu maio aos velhos, aos mancebos junho.»

Dissera. Exacerbada a competencia;
I'a a mutua affeição trocar-se em iras;
Quando assomma a Concordia, engrinaldadas
De Apolineo laurel as longas tranças;
A Concordia, a deidade em nossos cultos
Por general piedoso introduzida.

Memóra Tacio, e Romulo; os dois reinos
Feitos n'um reino; os povos dois n'um povo;
De Roma os genros, da Sabinia os sogros,
Em lar commum, folgando: e,—«o nome a junho
D'esta fausta juncção nasceu;»—termina.

As tres causas ouvi. Perdão, Deidades:
Entre vós decidir.... não sei .. não ouso....
«A MAIS FORMOSA ÉS TU» poz Troia em cinzas.
Se a uma lisonjeio, aggravo a duas.
Ide: é muito um amor, são mais dois odios.

A LAMPADA DO SANTUARIO.

4298 A NOITE vae alta!
E o templo se esmalta,
E a mente se exalta,
Co'a languida luz;
Mil sombras correndo,
As aras tremendo,
O mocho gemendo
Nos braços da cruz!

Da lampada cego,
Em cru dessocego,
A' roda o morcego
Lá anda a voar;
Mais cega, amorosa,
Fugaz mariposa
Vae louca e teimosa
Na chama acabar.

A chama crepita,
Soluça, e excita
Na vista finita
Infindo pavor;
Agora brilhante
Na loisa distante
Desenha um gigante
De pallido albor:

Depois moribunda
De trevas innunda
A arcada profunda,
As naves, e o chão;
Eis logo murmura,
Levanta-se pura,
E na sepultura
Verte aureo clarão.

Mas o óleo fenece,
E a chama estremece,
Vacilla, e parece
Queixar-se e gemer;
Na lucta co'a morte
Seu brilho é mais forte,
Inda mais é a sorte
De em trevas morrer.

Morreu! Ah! como ella,
O' moço, ó donzella,
A vida mais bella
Tambem perde a luz;
Ao menos inveja,
Procura, deseja,
Como ella, que seja
A' sombra da Cruz!

J. de Lemos.

NOTICIAS.

NOVA BIBLIOTHECA PUBLICA DE LISBOA

PORTARIA.

4299 HAVENDO-SE ordenado ao inspector geral das obras publicas do reino em officio do 1.° de fevereiro do corrente anno, que com a maior urgencia fizesse proceder a uma vistoria minuciosa no edificio outr'ora destinado para templo de S. Francisco da Cidade, de modo que se conhecesse qual o plano que deveria ser adoptado para acommodal-o ao estabelecimento da Bibliotheca Nacional, e qual o orçamento da despesa em que importaria esta obra; e tendo posteriormente o corpo legislativo auctorisado o governo para contractar a construcção de um edificio que satisfaça o objecto de similhante indicação: Manda Sua Magestade a Rainha, recommendar ao inspector geral das obras publicas do reino a expedição dos trabalhos que lhe foram commettidos pelo citado officio, no desempenho do que deverá entender-se com o Bibliothecario-mór da Bibliotheca nacional, podendo até, se o julgar conveniente, abrir concurso a que sejam convidados quaesquer architectos nacionaes ou estrangeiros para dentro de um prazo curto apresentarem um plano que preencha todas as condições, que elle, de accôrdo com o referido Bibliothecario-mór, designará, o qual plano acompanhado do referido orçamento subirá depois a esta secretaria d'estado para Sua Magestade resolver a final o que tiver por melhor. Paço de Belém, em 17 de maio de 1845. — *José Bernardo da Silva Cabral.*

NOVO MOTIVO PARA BOAS ESPERANÇAS.

4300 TEMOS todo o fundamento para accreditarmos que a legislada obra da edificação da bibliotheca se effectuará com a possivel brevidade. As urgentissimas razões, que ha muito o pedem, são hoje conhecidas não só do publico mas até dos proprios olhos dos ministros e de Elrei. S. M. o Sr. D. Fernando visitou, terça feira 23, aquelle estabelecimento. Examinando

como bom entendedor as muitas raridades e preciosidades, typograficas, manuscriptas, numismaticas e artisticas que alli se encerram, e notando a deterioração que n'ellas vão fazendo conjuntamente com a lima surda do tempo a humidade, os bichos e o pó, deplorou que se não houvesse ha já muito accudido a um thesouro publico de tanta monta.

SOCIEDADE MARITIMA COLONIAL.

4301 A 23 do corrente celebrou esta prestante sociedade a sua sessão solemne e annual na *sala do risco*, presidida por S. M. Elrei, e numerosa e esplendidamente concorrida. Pela relação dos seos trabalhos no anno findo se conhece o muito, que se póde esperar de sociedade, que tantas provas de saber e zêlo já tem dado.

Logo que a lume sáiam, serão recommendados á leitura de todos, o discurso, com que abriu o acto o Sr. M. de V. P. de Mello, a relação do Sr. J. T. de Macedo e o elogio necrologico do socio o Sr. cardeal patriarca, Saraiva, lido pelo Sr. J. J. Lopes de Lima.

SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA.

4302 Domingo 25, foi a sessão annual e real d'esta antiga sociedade, nas casas da sua residencia, ornadas com a elegancia do costume, e cheias de ouvintes, muitos dos quaes distinctissimos por sciencia. S. M. Elrei presidiu honorariamente como é seo costume: appresentada a nova mesa, e lida a relação dos trabalhos do anno social findo, o presidente effectivo, agora reeleito, o Sr. J. M. Grande, recitou um longo discurso de scientifica elegancia, mui notavel sobre a maxima importancia dos estudos medicos, e a necessidade de se reorganisarem entre nós.

As materias tractadas n'este discurso, que o jornal da mesma sociedade brevemente ha-de publicar, merecem e sem duvida obterão, que os peritos as discutam pela imprensa, com o desinteresse, e placidez a que nunca falta quem procura de véras acertar.

GRANDE OBRA DE ESCULPTURA NACIONAL.

4303 A esculptura, que ha-de ornar a frontaria do Theatro Nacional de D. Maria II, acha-se encarregada ao professor proprietario da aula de esculptura da Academia das Bellas-Artes de Lisboa, o Sr. *Francisco de Assis Rodrigues* (hoje director geral da mesma Academia, por decreto de 7 do corrente). O publico espéra, com fundamento, que esta obra não desmintirá o conceito, que se tem do artista, que d'ella se encarregou.

Compoem-se dos objectos seguintes: — *Quatro partes do dia*, em meio-relevo, que se acham entre-mãos com a maior actividade e deverão ser acabadas até agosto do presente anno, para serem postas no *attico* do edificio. — Um grande grupo no tympano do frontão, que representa *Apollo* e as *musas*, em alto-relevo. — A estatua de *Gil Vicente*, que será collocada no angulo culminante do dicto frontão, e as estatuas da *Comedia* e *Tragedia*, que irão occupar os extremos do mesmo.

Acham-se de presente trabalhando nesta obra collossal, e talvez a maior peça d'esculptura que em Portugal se tem feito neste seculo, o sub-director geral, seis artistas, ajudantes, e discipulos do dicto professor, e alguns outros artifices subalternos.

Começou a executar-se em pedra esta grande obra, no mez de fevereiro do presente anno, e o mesmo professor premetteu de a concluir no decurso de tres annos.

SHERIDAN KNOWLES.

4304 O gigante do theatro do norte, esse extraordinario filho de si mesmo e creador de uma escola, que longe de envelhecer, tem vindo crescendo e fortificando-se até nossos dias, Shakspeare, acaba de nos ser em Lisboa interpretado por um seu compatriota, Mr. Sheridan Knowles. As leituras, de que se deu programma na Revista, artigo 4288 realisaram-se com effeito nos tres serões indicados. Cada uma destas prelecções, se assim se lhe quizer chamar, ou mais propriamente ostentações, durou para mais de hora, parecendo todas muito breves.

Mr. Sheridan, não obstante a sua pronuncia irlandesa, recita com tanta verdade, tão embebido no que diz, acompanhando tão bem com todos os gestos e signaes visiveis, as idéas que animam as suas palavras, que a illusão, para o seu expectador e ouvinte, é cabal e perfeita, ainda sem os prestigios de roupas e scenario. A primeira noite era impossivel não o admirar: elle declamou os papeis dos mais diversos personagens e das mais oppostas indoles, desde o mais remontado tragico até ao comico mais familiar; tudo com igual facilidade e nitidez. Shakspeare mesmo não teria deixado de o applaudir ou de se applaudir n'elle.

As suas considerações, sobre o drama em geral, manifestaram longos e profundos estudos, feitos sobre os bons modelos; grande conhecimento experimental da arte e das secretas relações do tablado com a platéa; dos actores que são os typos do poeta, com o auditorio que é onde esses typos teem de deixar a sua impressão.

Escusado é dizer que, entre as fallas, de que Mr. Sheridan tem assombrosamente recheada a sua memoria, e de que tão brilhantes amostras nos deu, figuraram a de Hamlet sobre a morte e a das sete edades da vida.

Mas Knowles não é só o homem de Shakspeare; outros poetes principaes da sua patria receberam não menos as suas homenagens: foi bello, recitado por elle, o discurso de Byron sobre a morte de Sir Thomas Moore.

O concurso foi de mais de cem pessoas, inglezas pela maior parte, e d'ellas bom numero senhoras muito moças, cuja attenção e enlevo davam uma idea assaz vantajosa da sua instrucção; a mulher ingleza não é só educada para boa dona de casa, mas tambem para ser uma companheira agradavel pelos dons do espirito e uma excellente educadora pelas suas luzes: nessa parte muito haveriamos nós outros que aprender d'aquella nação.

Mr. Sheridan Knowles ficou não penhorado do

bom acolhimento, que logrou n'esta sua primeira tentativa, que logo mudou a sua tenção que era partir immediatamente para o Porto, e vae dar brevemente segundas leituras cujos assumptos são, em geral, a tragedia grega representada em Euripides, — considerações geraes sobre litteratura dramatica — e juizos ex emplificados dos melhores poetas inglezes, Milton, Byron, W. Scott e Southey.

J. ROSSI CACCIA AO PUBLICO PORTUGUEZ.

4305 Ausentando-me em breve de Portugal, não posso partir sem pagar uma divida a este paiz generoso. Levo comigo a mais viva saudade; acompanhar-me-ha sempre a lembrança do quanto sou devedora ao publico portuguez.

Vou penhorada no mais subido grão por este Publico que tanto me distinguio e honrou. Estará sempre presente á minha memoria agradecida, que aqui recebi palmas e coroas; que as mais primorosas lyras me dedicaram as suas harmonias; que as pennas de escriptores mui distinctos me escreveram louvores, e que esta terra magnanima ornou a minha fronte com uma coroa de oiro.

Taes distincções não m'as traz a reminiscencia para exaltar o meu orgulho; ellas lembram-me só para o reconhecimento o mais profundo e para uma gratidão indelevel e eterna.

Possa esta terra benigna ser sempre ditosa: são estes os meus sinceros votos.

CANYBALISMO E CARIDADE.

4306 Hontem (12 do corrente) ás 8 e meia da noite vinha um cavalleiro e sua familia para o theatro, quando ao passar pela rua Formosa sentiu gemidos no portal das casas do Sr. J. P. S.: tractando de averiguar, entrou dentro no dicto portal, e viu a um canto um embrulho, e na dicta loja alguns moços a rir: soube por elles que — era uma creança havia poucas horas nascida, e abandonada na mesma loja!!! o dicto cavalleiro foi á guarda do Bolhão, e contando o facto pediu um soldado para levar a creança á roda: foi-lhe denegado a titulo de pouca força!! Então a fez conduzir por um gallego á roda, onde recusaram tomar conta d'ella sem bilhete do administrador!! Vencidas algumas difficuldades, ficou a creança na roda com os seguintes signaes — Uma fita de seda verde no braço direito, e o nome de Liberata, que o cavalleiro lhe mandou pôr.

(*P. dos P. no Porto.*)

A QUE SE PÓDE CHEGAR PELO VICIO DO JOGO.

Lê-se nos Pobres do Porto: —

4307 Em quanto a Sr.ª Rocca passeava, a 17 do corrente, no jardim da Aguia d'Ouro, onde está alojada, introduzio-se no seo quarto um sugeito que lhe roubou alguns objectos de valor.

Felizmente voltando a casa deu pelo roubo, que foi encontrar no quarto daquelle sugeito, a quem o vicio do jogo obrigou a commetter similhante crime. Rogamos á pessoa a quem elle está entregue que ponha por obra todos os seos esforços para evitar que o infeliz continue a caminhar em tão perigosa estrada; e ás auctoridades administrativas que tomem muita conta nas casas de jogo, que estão sendo a perdição da mocidade.

Não podemos, por esta occasião, deixar de louvar o comportamento da Sr.ª Rocca, e de seo marido para com aquelle infeliz; pois que, longe de o perseguirem, e entregarem á vindicta das leis, lhe offerecem os meios necessarios para deixar esta cidade, e ir em outra parte procurar um emprego donde possa colher os meios d'uma honesta subsistencia.

RECEITA PARA CURAR VAIDADES.

4308 Com marca do correio de Coimbra, acabamos de receber a seguinte carta, que pedimos perdão a nossos leitores de lhes appresentarmos. Unicamente supprimimos n'ella a parte obscenissima e immundissima, de que o auctor (que nós não queremos tirar do anonymo para não envergonhar uma familia respeitavel) compunha a sua receita. Quanto a nós, se ha coisa verdadeiramente capaz de curar da vaidade a qualquer por mais que d'ella ande comido, é considerar que na especie zoologica, de que somos parte, cabem tambem brutinhos de tal calibre: —

«Illm.º Sr. Castilho. Tendo visto na *Revista Universal*, periodico que V. S.ª tão extraordinariamente redige, varias receitas para coisas importantes, verbi gratia, tinta de escrever, afugentar pulgas, etc., etc., animo-me a remetter a V. S.ª a receita de umas pillulas para curar radicalmente a vaidade exagerada e gratuita de alguns dos nossos soi-disant litteratos: ora como intendo que V. S.ª é um dos que padece mais da tal molestia endemica d'este paiz, e como entendo que V. S.ª se não tractar de se despir desse ridiculo, estupido e vergonhoso amor proprio que tantas vezes usa mostrar em quanto faz e diz, ha-de talvez encontrar quem, perdendo por um momento de vista as considerações e contemplações que todos teem por um cego maluco, lhe dê com um chicote em praça publica, como eu entendo tudo isto e muito mais ainda do que isto, ahi mando o Recipe: —

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Faça uma pillula com quanto baste de. . . . . ,
e mande para o auctor das excavações poeticas tomar,

Sou de V. S.ª etc.

Um Pharmaceutico.

N. B. A carta supra foi a paga de havermos tomado, ponossas mãos, o trabalho de emendar a seu auctor versos errados, para poderem apparecer sem tanta vergonha, e de termos tido a caridade de lhe não imprimir os incuraveis. Sirva esta advertencia de precaução aos que forem consultados por poetastros villões-ruins. O nosso delicado correspondente porém póde ficar descançado: não descobriremos o seu nome nem aos nossos intimos: damos-lhe rasão de o não ter querido escrever, elle que escreveu sem repugnancia as mais torpes e sujas coisas de todo o mundo.

O FIM DE UMA VIDA DE ABOMINAÇÃO.

4309 A 8 do corrente chegou á villa da *Rua*, e n'ella foi suppliciado, segundo a sentença da Relação do Porto, o façanhudo saiteador e assassino, Manuel Pires. Despovoa-

ram-se as cercanias até muito ao largo para assistirem á execução; consumada a qual de mais de seis mil peitos, que tantos eram ahi, saíu unísono um suspiro de desabafo. O nome d'aquelle homem tinha sido o terror longo e profundo d'aquella parte da provincia, tantas vezes ensanguentada por suas mãos.

O resumo da sua historia dada nos artigos 806 e 4234 completal-o-hemos de corrida. Antes de sair da cadêa do Porto a 1 de maio para o seu fatal destino, dictou a seguinte carta: —

Meu prezadissimo Tio e Sr.

Já saberá ao receber desta qual é o destino que Deus ou os homens d'este mundo me deram; fui no dia 29 do corrente abril tirado da prisão em que me achava, e posto em prisão separada, para no primeiro de maio partir d'esta Cidade para essa terra, para ahi morrer da cruel sorte em que fui condemnado, não pensei que chegasse a tempo de servir de alvo na minha patria que me viu nascer, é o ultimo ponto da desgraça a que póde chegar um homem que Deus creou; vai ver esse povo todo uma scena que nunca viram, e em quem é feito o exemplo? no homem que nessas terras so servia para soccorros da pobreza, e servir homens que talvez fossem os causadores de eu chegar a ser victima do maior horror, porque sempre me trouxeram enganado. Deos lhe perdoe a todos, e eu tambem lhe perdôo para que Deos me perdoe a mim, e me abra o seu St.° Reino do Ceo para eu ser do seu rebanho: não posso tio da minha alma dizer-lhe quando sinto na minha alma, porque a tribulação em que me vejo é tão grande como quem espera de certo a cruel morte!! Sabe vmc. quanto essa minha mulher é falta de zelar o que lhe pertence, e então lhe peço que esses innocentes filhos sejão de hoje em diante considerados como seus proprios filhos, e que lhe administre a boa educação para que sejão homens honrados, para que gósem a estima de todos.

Peço-lhe que se aconselhe com um bom advogado, sobre saber se o inventario que existe requerido por minha mulher se é nullo, e quando esteja nullo, vmc. requerer novo inventario em nome de meus filhos, para que se lhe dê o que lhes pertence; e como vmc. tem procuração minha, peço-lhe que daquillo que fôr meu; ou das dividas que receberem me mandem dizer por minha alma 60 missas de 120 rs. cada uma, assim como me mandem fazer o meu bem d'alma, pois eu ainda deixo ficar para tudo, que bastante me custou a ganhar; é isto a ultima coisa que neste mundo lhe peço a vmc., mulher, filhos, e parentes, tambem peço que me mandem dizer mais 5 missas pelas 5 chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, para que me perdoe os meus peccados; mais outras 5 pela sagrada morte e paixão do mesmo Senhor, 3 em louvor de Nossa Senhora das Dores, mais 3 em louvor de Nossa Senhora da Boa Morte, 2 em louvor de Nosso Senhor d'Agonia, 2 em louvor de Nosso Senhor dos Afflictos, 2 em louvor de Nosso Senhor de Mathosinhos, 2 em louvor do Senhor Jesus dos Remedios, 2 em louvor do padre Santo Antonio, 2 em louvor do anjo da minha guarda, 2 em louvor de Nossa Senhora da Guia, 5 pelas almas das penas do purgatorio, e 2 em louvor de Nossa Senhora do Carmo; isto meu tio seja cumprido sem falta, pois nesta occasião da maior afflicção, é uma devoção que tenho para que os meus peccados sejam perdoados: eu queria agora fazer o meu testamento, mas nem dinheiro tenho para isso.

Essa desgraçada que me acompanhou nos meus trabalhos, bem lhe queria deixar alguma cousa para pagamento das suas soldadas, assim vmc. de algum dinheiro que receber das dividas que me devem, dê-lhe alguma cousa; nada mais tenho a dizer-lhe, só que se não esqueçam da minha alma, e que me perdoem, que a todos perdôo qualquer offensa. A essa desgraçada Thereza cá lhe determinei que entregasse a vmc. todos os papeis, o que ella fará logo que ahi chegue. Esta não vai assignada por mim por estar com algemas nos pulsos e não poder por isso. Adeos, adeos, adeos até o dia de juizo.

Manuel Pires. Cadeas da relação 30 de abril de 1845.

Pelo transito do Porto para a Villa da *Rua* não tomou de alimento, senão no terceiro dia, em Mezãofrio, um boccado de frangão e meio quartilho de vinho; na legua da madrugada ultima, de Moimenta até ao patibulo, ía com tal pressa e ancia de chegar, que era fadigoso o acompanhal-o. Subiu rapido a escada da forca, em frente das casas, em que perpetrára as mortes das tres mulheres, armada por um carpinteiro, que ao apparelhal-a mostrava ainda aos concorrentes a véstia aberta com uma facada que Pires lhe déra n'outro tempo.

No oratorio parecia contricto; ahi o foi visitar sua mulher, com quem havia annos se não víra; ía de luto; mas o seu estado não depunha em favor da sua fidelidade conjugal.

O ultimo acto da sua ferina vida (acto porventura sem exemplo) foi, quando já pendente nos ares e cavalgado do verdugo, mordel-o rijamente na perna esquerda!

O dono do terreno, em que se consumou o suplicio, renunciou a sua propriedade.

CONJUGICIDIO?

4310 Domingos Lence, da freguezia de *Cabreiros*, tinha mettido no recolhimento da caridade, a sua mulher, havia tempos, por motivo de infidelidades conjugaes. Suppondo-a emendada trouxera-a outra vez para casa; mas os desconcertos recomeçaram e com elles os ciumes e a guerra.

A 3 d'este maio, pelas 11 da noite, estando já recolhidos, bate-se á porta: o marido ergue-se, desce a abril-a, recebe de fóra dois tiros; morre. A voz publica põe a origem deste crime ás costas da mulher, para o que se funda n'um grande numero de pequenas circumstancias: a justiça ha-de aclaral-o e cumprir o seo dever.

POR MODO DE GALHOFA,

SUICIDIO.

4311 Com data de 23, escrevem de Setubal ao Periodico dos Pobres de Lisboa o seguinte: —

Um rapaz, maritimo, de 17 para 18 annos de idade, por alcunha o *meio-sonso*, tendo estado desde pela manhã, a jogar a laranjinha na venda de vinho, chamada o *Quintalinho*, pelas duas horas da tarde largou o jogo, e depois de andar coisa de uns seis passos, puchou de uma navalha de mola, abrio-a, e dizendo para as pessoas que estavão presentes: « Querem vocês vêr como se mata um homem?» cravou a navalha em si sobre o peito esquerdo, atravessando com ella o coração; apesar de ser canhoto, fez isto com a mão direita: retirou depois a navalha da ferida, e ainda a poude fechar; mas tendo dado mais tres ou quatro passos, cahio redondamente morto. Não póde deixar de se attribuír a effeito de embriaguez este terrivel suicidio.

UM DESENGANO PARA TENTADOS DE SUICIDIO.

(Carta.)

Evora 21 de maio de 1845.

4312 O Sr..... com 29 annos, bôa presença, e alguns teres, aborrecido de viver por umas ingratidões femininas, assentou em que devia matar-se; tomou uma bôa dóse de pós de Joannes no dia 16 do corrente mez: passados alguns minutos, como lhe tardasse a suspirada morte, atira comsigo a um poço e depois de mergulhado veio acima d'agua já arrependido, e como o poço fosse estreito, firmou as costas e os pés nas paredes e gritou. Acudiram: — ei-lo fóra cheio d'agua, pesar e vergonha. Os contravenenos e

mais medicinas applicadas por José Francisco da Gama Freixo restituiram-n'o á vida. Hoje acha-se quasi restabelecido, e protestando contra similhante remedio para curar paixões.

E' desgraça e vergonha que nas boticas, e droguistas de uma capital de provincia como esta, se vendam publicamente, sem receita, os mais fortes venenos!! E não o é menos que todas as aldeias circumvizinhas, e a mesma cidade estejam inçadas de charlatães atrevidos e ignorantes sem genero d'habilitação alguma para exercer uma arte tão delicada como é a de curar!! Aqui para praticar a medicina em toda a sua extensão, basta ser boticario, ou ter sido enfermeiro no hospital!! Isto não carece de commentos. Fez-se, bem ou mal — a lei de saude; e Evora ficou; não sei porque fatalidade, sem provedor, nem vice-provedor, sendo de certo a povoação, que mais precisa de todo o rigor em tão importante ramo! De V. etc.

Constante Leitor.

INJUSTISSIMA INTERPRETAÇÃO.

4313 Uma carta inserta no Patriota de 24 do corrente injuria grave e gratuitamente a nossa folha a proposito do artigo 4239, intitulado *Uma scena de inquisição em* 1845: affirma o correspondente, que o preso era réu confesso de um homicidio atroz, que por varias razões desmerece commiseração e que se não commetteram n'elle sevicias algumas. Quanto á primeira e segunda asserção, nada temos com ellas, nada tinhamos dicto, nada sabemos a tal respeito. Quanto á terceira, a ter havido as sevicias, que duas pessoas de credito nos relatavam, fosse quem fosse o paciente, embora um Judas ou um Barrabaz, eram ellas muito merecedoras de animadversão. Tudo pois se reduz a saber se as houve, ou se as não houve, e não se o preso era um justo ou um perverso. Se não as houve queixamo-nos da levesa de quem se deixou enganar e nos enganou, e pedimos perdão áquelle ou aquelles a quem offendemos ainda que a ninguem nomeámos: se as houve, censurâmol-as ainda agora, como quasi todos os jornaes as censuraram; sem que por isso nos possam de modo algum ser applicados os apódos, que na dicta correspondencia do Patriota se nos fazem de padrinhos do criminoso e de não sabemos que mais. Houve ou não houve sevicias contra um preso!!

MAGNETISMO.

(Carta.)

4314 Magnetisa-se no Porto com uma facilidade que me assusta! Se algum aprendiz se metia a magnetisar alguem, que depois não soubesse desmagnetisar que tal não seria a graça? Isto não é por ora com algum dos Srs. magnetisadores; são receios de que entrando em moda todos queiram magnetisar. Mas Deus nos livre de tal moda! Que os facultativos se sirvam do magnetismo para experiencias, ou para tentarem alguma cura, muito bom o creio; mas que por divertimento se suge te uma criatura a outra, de sórte que, se uma morre de repente a outra ficará a dormir até á consumação dos seculos, parece-me tentar a Deus.

Tambem queria que se não beliscassem e metessem alfinetes nos somnambulos, se na occasião não dão por isso, depois o sentem, e algumas pessoas que, querem fazer experiencias por sua conta, assim que pilham um magnetisado lhe fazem judiarias á sucapa.

Porto 20 de maio de 1845. De V. etc.

Uma Obscura Portuense.

UM DUELLO DIGNO DE LOUVOR.

(Carta.)

Porto 10 de maio de 1845.

4315 Sr. Redactor. Peza-me o não ter sido testimunha ocular de um caso acontecido aqui, a 5, pelas 4 horas da tarde, e em que se ha-de fallar por muitos dias.

Tinha-se espalhado que dois estudantes *de arte amandi*, fortissimos no capitulo dos ciumes e rivaes por uma triste fatalidade, (porque segundo os srs. estatisticos ha mais mulheres do que homens, e por isso os zêlos masculinos quanto a mim deviam ser prohibidos); estes dois meninos, digo, ambos com o sangue na guelra, tinha-se espalhado que a essa hora combateriam em duello de morte (que sempre é obra mais aceada), sendo o sitio da execução o campo da *torre da marca*; padrinhos, outros academicos e as armas, pistolas.

Concorreu toda a gente que póde (eu só faltei por estar com um ataque de gotta, nos pés se intende); e não só povo, mas dois regedores, cabo de policia, um destacamento de tropa e muitas mulheres (não admira a festa era em nome e louvor do sexo, nada prova tanto os seus feitiços como umas tripas ao sol); só faltava a tumba da misericordia, diz hoje com muita graça o *Periodico dos Pobres*. Sôa a hora; apparecem os dois Quixotes montados como dois Sanchos em burros lazarentos de albarda rota e freio de corda, mas muito arrogantes na catadura, (não os burros porém os campeões); um dos regedores, aliás bom homem, desaprovou como destempêro que duas figuras d'aquelle feitio, brigassem á pistola; mandou-os apear e aos soldados que os prendessem; o povo, que não queria perder as passadas, murmurava contra o regedor, muitos estudantes já começavam a vociferar, um dos duellistas procurava convencel-o em segredo; o magistrado via-se perplexo e creio que assustado. Appressou-se em passar por mão o negocio para superior instancia: acompanhou os zelosos á presença do administrador do bairro. Foi ahi que se descobriu a chave do enigma: — os maganões declararam que o seu unico intuito fôra faser aos duellos a guerra do ridiculo: mostraram que as suas pistolas levavam polvora mas não balla, e affirmaram, o que era verdade, que entre os dois não havia nenhuma Dulcinéa. Afora o regedor, todos riram muito; e o administrador mostrou ter pena de que se não tivesse chegado a representar uma farça, que poderia ter, talvez, previnido algumas futuras tragedias.

Um Tripeiro Velho que nunca brigou nem ha-de brigar.

ACHADA DE UMA ANTIGUALHA CURIOSA EM TRAZ-OS-MONTES.

(Carta.)

Moncorvo 11 de maio de 1845.

4316 Que Portugal foi aos moiros conquistado palmo a palmo ninguem o ignora, e a cada passo se encontram ainda vestigios e monumentos que os recordam, sendo rara a terra onde não dure tradicção de que alli, ou perto, fôra outr'ora uma povoação d'elles.

Distante um pouco mais de legua ao norte d'esta

villa, existem ainda remanescentes d'uma capella ou egreja denominada geralmente a *Mesquita*, por ser fama constante que o fôra dos moiros antigamente; passando depois a templo catholico, o que attesta não só o campanario que ainda dura, e cuja construcção bem se vê não condiz com a primittiva, mas até a propria imagem de S. Mamède, a quem o dicto templo foi consagrado, e que se acha na egreja dos Estevaes, aldeola a cujo termo pertence aquelle terreno, e ainda no mesmo lugar ha muita gente que se lembra de ouvir tocar o sino que d'alli tinham para lá transportado, mas que depois se quebrou.

Carvalho na sua Corographia liv. 2 do 1.° tomo a paginas 420, e 326 falla d'aquelle sitio como habitado antigamente pelos arabes ou moiros, designando-o pelo nome de S. Mamede, e bem assim de outros dois que distam d'alli meia legua pouco mais ou menos, a saber: *Villa-maior* e o *Castello d'Alfarella*, cujos vestigios e nomes ainda existem, assim como tambem os da villa da Sancta Cruz, que de todos elles fica mui proxima, situada sobre um cabeço na margem direita do Sabor, e já então povoação catholica, de cujas ruinas foi fundada esta villa de Moncorvo, saindo muitas veses os habitantes d'aquella a escaramuçar com os moiros visinhos pelos extensos e planissimos campos da Villariça, o que tudo jámais desmentiu, antes sempre corroborou uma tradicção continuada até nossos dias.

Ora ainda que a dicta egreja estava fundada proximamente a uma quinta minha, e eu tivesse por muitas veses feito tenção de ir examinar o resto d'aquellas antigas paredes, que todos suppunham fundação dos arabes, por ficar n'um sitio bastante elevado e terreno escabroso ía passando tempo sem me acabar de resolver; até que no dia 25 de março preterito me deliberei com outros amigos, e alguns homens dos Estevaes, a subir ao dicto sitio.

O templo era pequeno, porém mui bem construido, o que se póde colligir pelo que d'elle existe, e era todo de boa cantaria bem lavrada. Antes da entrada parece havia um atrio, ou alpendre cuja configuração não posso descrever por não existirem d'esta parte mais que os alicerces: seguia-se o portico da entrada que era arqueado e assentava em duas meias columnas redondas, cujos capiteis eram primorosamente lavrados: no arco estavam esculpidos em relevo por toda a face exterior grandes florões similhando tulipas: as paredes já não existem, á excepção de coisa de duas varas de altura da que ficava para o norte, e o panno da frontaria (que era voltada ao poente) desde o portico até fechar no angulo da direita: e este pedaço conserva quasi toda a altura, permanecendo ainda o campanario; mas do lado esquerdo sómente se veem já os alicerces, estando d'aquella parte demolido tambem o mesmo portico, de fórma que já se não póde conhecer bem sua verdadeira construcção. Em volta de todo o templo internamente, (o que se vê pelo resto das paredes existentes) havia uma faxa saliente á similhança de um guarda-cadeiras, mas mais larga, e em mais altura do que estes costumam estar, fingindo um encanamento muito bem trabalhado; e nas costas do templo externamente se vê aberta em uma fraga uma sepultura, como ha outras em diversos sitios onde disem habitaram os mouros. O restante é um amontoado de pedras, todas de cantaria, mui bem lavradas, membros desconjunctos d'aquelle antigo monumento. Mas qual não foi a minha admiração quando d'entre aquelles desmoronados pedaços de granito como que soou uma voz repentina e forte, que me disse «mais, muito mais antigo é isto, do que tu pensas.« — Era uma inscripção n'um pedestal porventura d'alguma estatua, que foi agora casualmente desenterrado, (segundo disseram aquelles homens dos Estevaes que nos accompanhavam) por alguem que alli tinha sonhado com um thesoiro (no que ainda muita gente accredita): mas como isto tinha acontecido havia dias, e d'aquelles bons lavradores poucos ou nenhuns sabiam ler portuguez, quanto mais latim, ninguem deu pelo descobrimento.

Tem o pedestal de altura cinco palmos, e de largura, face da frente, quasi dois, e as dos lados pouco menos, com sua base no fundo mais larga, e com lavores, e no cimo tem uma especie de capitel; e onde devia estar a estatua, ou o que quer que fosse tem um furo ou escavação de quatro polegadas de comprimento, tres e meia de largura, e duas e meia de profundidade, e na face da frente, entalhada n'uma especie de quadro, se lê a seguinte inscripção:

IOVI
OPTIMO
MAX.
CIVITATI
BANIENS.
S.VE. . . . BAS. .
. . . . . D.

Infelizmente por ter estado enterrada esta pedra, corroeu-se desfasendo-se as letras que faltam nas duas ultimas linhas que já se não podem ler, mas na do fim está perfeito o D, que era a ultima letra da linha, não podendo significar outra cousa mais que a era de 500 da fundação de Roma; agora se era precedida por outras tambem da conta romana isso é o que se não póde já rastrear.

Teria alli sido em outro tempo uma cidade?! ninguem hoje o dirá.

Em quanto a ter sido a egreja mesquita de mouros, não pude descobrir outros vestigios mais, que diversos signaes pelas paredes internamente á similhança de meias luas, que não sei se quereriam significar as luas ottomanas: o que eu sei é que por alli ha vestigios ainda de ser aquillo povoado antigamente, e achei pedaços de telhas ou telhões d'uma grossura quasi de dois dedos, e d'um barro mui duro e vermelho; e disseram os homens que nos accompanhavam que em uma fraga (um bom pedaço ainda acima daquelle sitio) estava aberta a figura de uma cobra grande: ¿seria aquillo um idolo ainda do tempo da gentilidade? O que julgo não consente duvida é que naquelle mesmo templo receberam culto ainda os deuses do paganismo; para memoria não quiz eu deixar alli acabar de perder-se aquella fiel testimunha, e mandei condusir (com licença do dono a quem pertencem as ruinas) o dicto pedestal para esta villa, não sem algum custo pois talvez pese para mais de cincoenta arrobas. Ao presente se acha collocado no jardim das casas de minha residencia. É de notar que as letras abertas na pedra conservam ainda uma tinta vermelha dada n'aquelle mesmo tempo!

Francisco Antonio Carneiro de Magalhães,